

Representações da história no contexto do TikTok: uma análise de narrativas da colonização brasileira¹

Maria Luiza de Farias Ribeiro Altmicks²

Cláudia Regina Dantas Aragão³

Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia

Resumo

Este artigo discute as representações da colonização do Brasil e dos povos indígenas no TikTok, analisando como vídeos publicados na plataforma constroem narrativas históricas por meio de recursos visuais, linguagem informal e estética humorística. O objetivo geral é analisar de que maneira vídeos que utilizam recursos de IA para retratar a chegada dos europeus ao território brasileiro constroem discursos sobre esse período histórico, identificando estereótipos, apagamentos e simplificações narrativas. O estudo adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica e na análise descritiva e interpretativa de conteúdos selecionados no TikTok. Os resultados apontam que o uso da IA para recriar episódios históricos, aliado à estética e linguagem próprias das mídias digitais, tende a reforçar visões colonizadoras e a perpetuar representações estereotipadas dos povos originários.

Palavra-chave: mídias digitais; povos originários; colonização do Brasil; estereótipos; narrativas.

Introdução

A Inteligência Artificial (IA) tem transformado profundamente a produção e circulação de conteúdos digitais na sociedade contemporânea. A partir da sua atuação na infosfera, ambiente informacional no qual dados, algoritmos e agentes inteligentes moldam a construção do conhecimento e das narrativas sociais (Floridi, 2014), a IA tem sido utilizada como um instrumento potente de produção de conhecimento, capaz de influenciar diretamente a forma como os indivíduos se relacionam com as suas próprias histórias e culturas.

Nesse contexto, as mídias digitais têm se consolidado como espaços privilegiados para a difusão de conteúdos automatizados e altamente performáticos. Logo, plataformas como o TikTok, que possuem milhões de usuários ativos, são ambientes propícios para a

¹ Trabalho apresentado na IJ05 – Comunicação, Cultura Digitais e Tecnologias, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 6º Semestre, do Curso de Relações Públicas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e-mail: maltmicks.rp@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora de Graduação do Curso de Relações Públicas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e-mail: caragao@uneb.br.

produção e disseminação massiva de vídeos curtos, criativos e personalizados, incluindo simulações geradas com auxílio de recursos de IA, capazes de retratar cenas imaginárias, frequentemente relacionadas a eventos históricos, como a colonização do Brasil.

A circulação dessas narrativas coloniais em formatos acessíveis e atrativos para as novas gerações é um fenômeno que merece atenção, na medida em que contribui para a construção e reprodução de discursos acerca da memória, da cultura e das identidades de um povo. Diante disso, o presente artigo possui uma proposta relevante, uma vez que é fundamental investigar como essas produções digitais moldam percepções sobre o passado e quais riscos apresentam para a construção de uma compreensão histórica mais crítica e plural.

Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar vídeos produzidos com o uso de IA no TikTok, que abordam a colonização do Brasil, investigando as representações dos povos indígenas e europeus, os estereótipos presentes e os elementos narrativos que contribuem para uma visão colonizadora. Para isso, utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, a partir de autores como Aníbal Quijano (2005), Stuart Hall (2016), Lúcia Santaella e Dora Kaufman (2024), distribuindo a fundamentação teórica em três tópicos, sendo eles: história, representação e identidades; o ambiente digital na construção de imaginários coletivos; e a inteligência artificial generativa no TikTok. Além disso, foi realizada uma análise descritiva e interpretativa de conteúdos audiovisuais publicados na plataforma TikTok, que se concentram, sobretudo, em episódios marcantes na construção da identidade do povo brasileiro.

História, representação e identidades

Para além da apropriação e exploração dos meios materiais, territoriais e econômicos, a colonização também operou como um instrumento de apagamento simbólico e cultural, silenciando histórias, crenças e modos de vida de diversas civilizações. A colonialidade do poder, termo conceituado por Quijano (2005), refere-se à constituição de um sistema de poder capitalista, moderno/colonial e pautado na visão eurocêntrica, estruturado a partir da invenção da noção de raça. Dito isso, entende-se por colonialismo o domínio direto de um país sobre o outro, enquanto a colonialidade está intrinsecamente ligada à forma como as relações de poder, saber e cultura se mantêm desiguais, reproduzindo a lógica do pensamento colonial.

A dominação do outro, a cooptação, a escravização, a imposição de um projeto civilizatório, ocorre na materialidade das relações, mas deriva de - e se aprofunda em -

relações subjetivas. A tentativa de usurpar o trabalho do outro, ou as suas posses, ou os seus meios, é, antes de qualquer coisa, a luta por dominar o seu imaginário, para que o outro se sinta menor, perceba-se impotente, ponha-se à mercê do dominador. A partir disso, é fundamental entender o espaço que as representações ocupam neste processo, na medida em que é através delas que são criados os significados e os sentidos para o mundo no qual se existe (Hall, 1997). Sendo assim, as imagens, narrativas e discursos que circulam socialmente não podem alcançar o lugar da neutralidade, uma vez que carregam ideologias, reforçam posições de poder e moldam a maneira como grupos sociais são vistos e tratados perante a sociedade civil.

Complementarmente, Collins (2019) propõe o conceito de “imagens de controle” para descrever representações reiteradas que naturalizam desigualdades, justificando a dominação de determinados grupos, especialmente de mulheres negras, através da mídia, da educação e de instituições do Estado. Apesar da autora se concentrar na análise do período pós-abolição, focando no feminismo negro, seu pensamento serve de base para compreender como, mesmo no presente, os povos racializados, vítimas de um processo colonizador cruel, seguem sendo representados por meio de estereótipos que os colocam em posições de subalternidade.

O ambiente digital na construção de imaginários coletivos

Intrínsecas à sociedade contemporânea, as mídias digitais ocupam um espaço fundamental na construção de narrativas e crenças que reverberam em todo planeta. Segundo Santos (2023), as práticas realizadas no ambiente digital tendem a ocupar outros espaços, não como práticas somente, mas como ferramentas de diálogo, por exemplo, articulando ações entre um mundo *online* e outro *offline*, compositores de uma só realidade na qual as pessoas estão imersas.

A cultura digital, portanto, é caracterizada por romper com os limites tradicionais de tempo e espaço, instaurando novas dinâmicas de sociabilidade e produção simbólica (Kenski, 2018), constituindo assim, novas maneiras de relacionamento entre os seres no e com o mundo. Nesse ambiente, práticas e significados circulam de modo acelerado e descentralizado, permitindo que narrativas sejam criadas, ressignificadas e compartilhadas em escala global. Posto isso, Santos (2023) defende que:

As pessoas que acessam e utilizam as informações disponíveis neste meio, desenvolvem suas habilidades e participam natural e cotidianamente destes espaços, percorrendo formações que se

desenham nesse contexto e novas competências evidenciam-se na cultura educacional digitalmente mediada (Santos, 2023, p. 87).

Assim, ao falar dos conteúdos que narram e representam os primeiros contatos dos povos originários do Brasil com a figura do colonizador, é importante que se tenha em mente os reflexos dessas produções, que serão, fatalmente, ressignificadas no cotidiano dos usuários, interferindo na maneira como o indivíduo lê a história e suas nuances. O fenômeno em questão dialoga com a cultura da mídia, uma vez que a mesma “fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós ” e “eles” ” (Kellner, 2001, p. 09). Portanto, as produções disponíveis em ambientes virtuais, sejam elas fruto dos meios tradicionais de comunicação ou das Tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) estão, o tempo inteiro, sendo questionadas a partir dos limites éticos e morais.

É preciso avaliar até que ponto esses conteúdos reforçam ou desconstruem estereótipos, contribuem para a pluralidade de vozes ou perpetuam narrativas hegemônicas, entendendo que a mediação tecnológica não é neutra, e assim como quem as produz, ela carrega intenções, valores e disputas simbólicas.

A inteligência artificial generativa no TikTok

Com os rápidos avanços no desenvolvimento e manutenção dos diversos tipos de inteligência artificial, a sociedade tem se tornado cada vez mais dependente dessas tecnologias. Santaella e Kaufman (2024) destacam aspectos importantes acerca das inteligências artificiais generativas:

A IA generativa, distinta dos modelos preditivos de aprendizado de máquina (IA preditiva) – centrados em extrair padrões de dados e fazer previsões em tarefas específicas –, produz conteúdo original a partir de grandes bases de dados, ou seja, usa dados para gerar mais dados, sintetizando texto, imagem, voz, vídeo, códigos (Santaella; Kaufman, 2024, p. 39)

É importante ressaltar, portanto, que apesar de sua eficiência na criação e desenvolvimento de atividades em diversas áreas, a IA generativa opera através da lógica dos algoritmos e bases de dados, que são, naturalmente, reflexos de quem os alimenta. Isto é, as produções feitas a partir dessas tecnologias incorporam, inevitavelmente, os aspectos ideológicos presentes nos dados com os quais elas foram treinadas.

Em paralelo, as mídias digitais passam a integrar as inteligências artificiais generativas em suas configurações. Recentemente, devido a sua capacidade de gerar simulações e encenações dinâmicas e atraentes, muitas vezes baseadas em eventos

históricos ou figuras emblemáticas, os vídeos produzidos com IA têm tomado um espaço de destaque nas plataformas digitais.

Desenvolvido pela empresa chinesa ByteDance, o TikTok possui, em média, 91,75 milhões de usuários ativos apenas no Brasil⁴. Nesse contexto, a plataforma se consolida como um espaço propício à circulação de conteúdos que dialogam diretamente com a construção de narrativas capazes de influenciar o imaginário coletivo, sobretudo entre o público jovem. Tal movimento evidencia “[...] o espectro de impactos causados pelas novas mídias nas subjetividades, nas relações interpessoais e, por meio delas, na vida coletiva” (Miskolci, 2011, p.13), indicando como essas tecnologias, especialmente quando articuladas à inteligência artificial, tornam-se agentes ativos na mediação de sentidos e memórias históricas.

O colonial reencenado digitalmente

Para ilustrar esse fenômeno, pretende-se, aqui, realizar uma análise descritiva e interpretativa de dois vídeos publicados no TikTok que reconstroem episódios da chegada dos portugueses ao Brasil, em 1500, utilizando recursos de inteligência artificial. O critério central de escolha foi a diferença de perspectiva narrativa: um vídeo é conduzido por um personagem europeu, enquanto o outro é narrado por um indígena. A seleção foi realizada, através de uma solicitação para que o TikTok exibisse seus conteúdos, a partir da expressão “colonização do Brasil IA”. Uma vez listados os vídeos, procedeu-se à escolha de ambos os analisados, considerando-se a relevância dos conteúdos, em termos de engajamento.

De antemão, é interessante destacar que, durante a seleção dos materiais, foi perceptível uma quantidade maior, e com mais engajamento, de vídeos protagonizados por personagens indígenas. Esses vídeos variam de acordo com as narrativas, mas se aproximam ao usar uma linguagem informal, descontraída e jovial, utilizando gírias e expressões características das gerações mais jovens.

Postado em 30 de maio de 2025, o primeiro vídeo⁵ analisado possui, aproximadamente, 25 mil visualizações. Intitulado “pov: você é um indígena e fez um vlog no dia 22 de abril de 1500”, o vídeo traz na legenda a frase “[...] o vlog mais comum de um índio nos anos 1500 [...]”. A produção é protagonizada por um homem indígena,

⁴ O dado destacado foi retirado do Statista, plataforma global de dados e inteligência de negócios, e se refere ao período de fevereiro de 2025. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/1299807/number-of-monthly-unique-tiktok-users/>. Acesso em: 15 de junho de 2025.

⁵ Cf. https://www.tiktok.com/@viaiajantenotempo/video/7510235338929884421?_r=1&t=ZM-8xGDfZpFhsl.

com pinturas faciais, acessórios feitos de materiais naturais e um uluri⁶. No decorrer do vídeo, outros personagens e itens aparecem, gradativamente, incluindo europeus, que vestiam camisas largas de linho em tons claros e calções curtos que iam até os joelhos.

O material é estruturado em quatro cenas distintas, que se desenrolam de forma progressiva, apresentando diferentes interações e elementos que aprofundam a narrativa proposta. Na primeira cena, o indígena relata a chegada dos portugueses em terras brasileiras, utilizando expressões populares, como “Vamo ver qual que é da ideia”. A cena em seguida retrata o encontro desse personagem com um português, mantendo o tom descontraído. Durante a conversa, o português se dirige ao indígena dizendo: “E aí, meu mano. Tudo suave? Vi que cês tão por aqui, dá pra gente dividir essa área aqui, pai?” O indígena, então, responde com um tom desconfiado e curioso: “Esses cara é engraçado, hein? Vamo ver qual é das ideia deles.”

Durante a terceira cena, o protagonista indígena aparece segurando um espelho e admirando o objeto, mas destaca: “Pô, mano, mó daora isso daqui, hein?! Mas trocar isso aqui tudinho por isso só?! Cê é louco, não compensa”. Por fim, a quarta e última cena, demonstra várias pessoas indígenas fugindo na mata, enquanto o protagonista relata que por não aceitarem a “proposta” dos europeus, os mesmos estariam atacando-os com armas.

A partir das considerações acerca da estereotipagem, termo proposto por Hall (2016), considera-se que este movimento se constitui como um processo de redução, fixação e repetição de características simplificadas atribuídas a determinados grupos, atuando na manutenção de uma ordem social e simbólica. Assim, Costa (2018) defende que:

Na estereotipagem há uma conexão entre representação, diferença e poder (é o que Foucault denomina “poder/conhecimento” do jogo). O poder, pontuado aqui, é entendido como algo muito além da exploração econômica e coerção física, mas também em termos simbólicos ou culturais, incluindo o exercício do poder simbólico, através das práticas representacionais e, a estereotipagem, é um elemento essencial para que aconteça a “violência” simbólica (Costa, 2018, p.5)

No vídeo, essa prática se manifesta através da representação da figura indígena, que é construída a partir de um conjunto limitado de traços que reforçam a ideia de

⁶ Uluri é uma palavra em Tupi, designada para se referir a uma vestimenta indígena, semelhante a uma tanga. Na cultura indígena, o uluri não pode ser tocado, a menos que a pessoa permita.

ingenuidade e passividade em relação aos colonizadores, desconsiderando aspectos como a resistência, a luta e o sofrimento dos povos originários.

Cabe destacar ainda que a escolha do tom humorístico e das expressões anacrônicas, fazem com que o personagem indígena seja representado como um sujeito simplório, quase caricatural, reforçando o que Hall (2016) descreve como a fixação de traços repetitivos, determinantes para que o outro seja visto enquanto um ser subalterno, dentro das estruturas de poder.

Seguindo a análise das produções, o segundo vídeo⁷, intitulado “Vlog: os portugueses chegando no Brasil”, também foi publicado no dia 30 de maio de 2025 e acumula cerca de oito mil visualizações até o momento. Diferente do material anterior, aqui o protagonista é um europeu, vestindo uma armadura típica da época. Em outras cenas, personagens indígenas são retratados com acessórios e roupas também típicas de suas culturas, como cocar, uluri e pinturas corporais.

A produção segue a mesma estética humorística e linguagem informal do vídeo anterior, utilizando cortes rápidos e expressões típicas da juventude atual. O conteúdo é dividido em três recortes de cena, apresentados sob o ponto de vista de um português, que grava um suposto “vlog de chegada” ao Brasil, narrando a experiência de forma descontraída.

Logo na primeira cena, o europeu comenta sua chegada ao território, dizendo de forma irônica: “Parece que já tem gente morando aqui, mas vou fingir costume”. Imediatamente, o segundo recorte começa exibindo o personagem ao lado de um grupo de indígenas, que o observa com olhares de contemplação e curiosidade. Em tom de humor, o europeu comenta: “Puxei um espelho da mochila e os mano ficaram em choque. As filhas do cacique tão tudo encantada com o bagulho. Acho que fiz negócio, hein?!”.

Em seguida, a última cena demonstra o colonizador sentado em frente ao mar, com alguns indígenas logo atrás. Nesse momento, o personagem diz em tom de celebração: “Mostrei o espelho pros mano e agora tô aqui, tratado igual rei. Acho que deu bom, hein?! Segue a gente aí pra ver as continuacões”.

Durante todo o vídeo, constrói-se uma narrativa que reforça a centralidade do colonizador como protagonista, enquanto os indígenas são colocados como personagens passivos e facilmente manipulados. Logo, o material evidencia uma disputa por poder

⁷ Cf. https://www.tiktok.com/@superacao_ia/video/7510411236127935800?_r=1&_t=ZM-8xGCXKqYa6I.

simbólico dentro das práticas representacionais, que resulta no controle de narrativas e sentidos atribuídos a eventos históricos (Hall, 2016). Isto é, ao representar a colonização de maneira cômica e divertida, o vídeo exhibe um processo histórico de violência e extermínio como se fosse um conteúdo palatável para o entretenimento.

Junto a isso, percebe-se que, nesse contexto, a representação, entendida aqui como o processo de produção de significados através da linguagem (Hall, 2016), é utilizada para reforçar hierarquias sociais, na medida em que, ao descrever a figura do colonizador como o protagonista vitorioso, enquanto os povos originários permanecem enquadrados em papéis secundários e estereotipados, o vídeo atualiza, em um novo formato midiático, antigas estruturas de poder que ainda operam na produção e circulação de sentidos sobre o passado do Brasil.

Existem também, alguns aspectos importantes para esta análise que estão presentes em ambas as produções. Ao utilizar o formato de vlog, com cortes rápidos, linguagem popular e um tom humorístico, os conteúdos dialogam com a lógica das mídias digitais, criando uma aproximação com o público mais jovem que, geralmente, consome mais essas plataformas. No entanto, essas estruturas narrativas contribuem para a manutenção de uma ordem simbólica que marginaliza o outro e reforça fronteiras identitárias.

Em complemento, cabe destacar que o espelho é um elemento simbólico frequentemente associado às práticas coloniais de troca e dominação, que se repete nas duas produções. Em ambos os vídeos, o objeto é retratado como um artifício utilizado pelos europeus colonizadores para impressionar e conquistar a confiança dos povos originários, que por sua vez, são representados com um certo fascínio por elementos da cultura europeia. Portanto, para além de um detalhe cênico, o espelho funciona como uma metáfora das dinâmicas de persuasão presentes nas relações coloniais, evidenciando como objetos simbólicos foram, e continuam sendo, utilizados para reforçar a ideia de superioridade cultural do colonizador em relação aos povos originários.

Considerações Finais

As mídias digitais têm desempenhado um papel central na sociedade contemporânea, tornando-se instrumentos importantes na construção e circulação de narrativas, capazes de influenciar diretamente na maneira como diferentes públicos percebem, interpretam e ressignificam acontecimentos históricos. Com a popularização da inteligência artificial generativa, plataformas como o TikTok passaram a abrigar

conteúdos que recriam visualmente episódios do passado, quase sempre em formatos curtos e altamente compartilháveis.

Posto isso, este estudo propôs-se a investigar de que maneira os vídeos produzidos com recursos de IA generativa e publicados no TikTok constroem narrativas sobre a colonização do Brasil e os povos indígenas, analisando também as implicações dessas representações para a reprodução de discursos coloniais e estereótipos. Para isso, a pesquisa se baseou em uma revisão de literatura, combinada com uma análise descritiva e interpretativa de dois vídeos selecionados.

Ao analisar as produções audiovisuais, observou-se que ambas reforçam discursos eurocêntricos, reafirmando a centralidade da perspectiva europeia na construção das narrativas históricas acerca da colonização brasileira. Nos dois vídeos, a figura dos povos originários, mesmo quando assumem o protagonismo, são representados através de discursos marcados por traços estereotipados, anacronismos e simplificações que desconsideram a complexidade histórica e cultural desses grupos.

Junto a isso, percebeu-se que a linguagem informal, atrelada ao tom humorístico dessas produções, contribuem para o apagamento e suavização das violências vivenciadas pelos grupos colonizados, durante o processo de invasão e dominação territorial, transformando essas histórias, fundamentais para o entendimento da construção da sociedade brasileira, em conteúdos superficiais e desenvolvidos apenas para entreter os espectadores.

O presente artigo buscou contribuir para o debate acerca das implicações da produção de conteúdos históricos nas mídias digitais, sobretudo quando mediados por tecnologias como a inteligência artificial generativa. Diante dos resultados obtidos, reforça-se a importância de uma reflexão crítica sobre a forma como a história é apropriada e ressignificada nos ambientes digitais, destacando a necessidade de se buscar a essência da formação étnica, cultural e histórica do povo brasileiro.

Referências

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

COSTA, Vanessa Lobato. A prática da representação por meio dos discursos midiáticos. **TEL Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 9, n. 2, p. 247-252, 2018.

FLORIDI, Luciano. ***The Fourth Revolution: how the Infosphere is Reshaping Human Realit.*** Oxford: Oxford University Press, 2014.

HALL, Stuart. “*The work of representation*”. In: HALL, Stuart (org.) ***Representation. Cultural representation and cultural signifying practices.*** London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

HALL, Stuart. Cultura e representação. **PUC-Rio: Apicuri**, v. 10, 2016.

KELLNER, Douglas. **Cultura da Mídia**. Bauru, EDUSC, 2001.

KENSKI, Vani Moreira. Cultura Digital. In: MILL, Daniel (Org.). Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância. Campinas: Papirus, 2018, p. 139-144.

MISKOLCI, Richard. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Revista Cronos**, v. 12, n. 2, 2011.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocetrismo e América Latina. LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: Clacso, 2005.

SANTOS, Gidevaldo Novais dos. **Algoritmos e programação em Laboratório Remoto: contribuições da Educação para uma metodologia de ensino em aprendizagem colaborativa.** Salvador: UNEB, 2023.

STATISTA. Statista. **Países com mais usuários do TikTok em 2025**. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/1299807/number-of-monthly-unique-tiktok-users/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

SANTAELLA, Lucia; KAUFMAN, Dora. A Inteligência artificial generativa como quarta ferida narcísica do humano. **MATRIZES**, v. 18, n. 1, p. 37-53, 2024.

.